

O crasto

Antes de nos debruçarmos sobre o *castro de Alvarelhos*, escutemos o que nos diz Veríssimo Serrão sobre a *civilização castreja*:

“Ligada à civilização do ferro, desde o século X que se fora desenvolvendo no território da Península uma civilização castreja que estabeleceu um vínculo entre os povoados neolíticos e os Lusitanos. Povoações fortificadas com o nome de castros ou citânias, ergueram-se no cimo dos montes, tendo a defendê-las muros de pedra e, como núcleo principal, casas do mesmo material, de forma redonda, rectangular ou oblonga, cobertas de colmo ou de ramos de árvores. Sítios escolhidos pelas suas condições de defesa, constituíam núcleos de vida comunitária, haja em vista os espaços vazios para a recolha do gado e para a cultura agrícola. Ali se fixaram tribos em busca de mais seguro convívio, fugindo ao ataque de grupos rivais ou de vagas migratórias que assolavam os vales e planícies.

Assim se manteve ao longo dos séculos uma civilização que, em plena idade histórica, conservou variadas formas do viver arcaico. Civilização pobre, dedicada à agricultura e à pastorícia, confinava-se aos estratos sociais e familiares que a própria comunidade lhes oferecia. No seu isolamento teriam conservado a rudeza de vida e formas de mentalidade que levavam Joaquim de Carvalho a radicar nessa cultura a psique do homem português do nosso tempo.

De maneira global, pode considerar-se como a mais intensa área castreja da Península a zona que vai do Douro aos confins da Galiza e se estende de Tás-os-Montes às províncias de Leão e das Astúrias, ou seja, uma cultura própria do Norte e do Noroeste peninsulares. Só na região de Entre Douro e Minho descobriu Martins Sarmiento mais de 60 povoados desse tipo, com especial relevo para o castro de Sabroso e a citânia de Briteiros, nos arredores de Guimarães. Nessa distribuição, a segunda constituía uma ‘cidade murada com restos de habitações permanentes’, ao passo que os castros apenas representavam a posição fortificada ‘sem vestígios de casas’. No entanto, Mário Cardozo considera que, havendo habitações dos dois tipos de castros, devia guardar-se esta designação para os aglomerados mais pobres e menos habitados, cabendo a de citânias aos grandes castros e de mais robustas habitações, devido à resistência dos materiais usados na sua construção”.¹

José Correia do Souto partilha a opinião de Joaquim Veríssimo Serrão e afirma, em uníssonos com Ramon Menendez Pidal, que todos os

¹ SERRÃO, JOAQUIM VERÍSSIMO, *História de Portugal*, Vol. I, Lisboa, editorial Verbo, 1979, 44-45.

castros foram construídos com uma finalidade defensiva; essa é a razão porque se encontram rodeados de muralhas. E acrescenta:

“Segundo a opinião mais ou menos generalizada é que os Castros começaram a surgir na altura em que os velhos agrupamentos humanos de caçadores nómadas do período Paleolítico deram origem a outros agrupamentos que, começando a praticar a agro-pastorícia, se fixaram à terra em povoados abertos e depois fortificados. Os primeiros remontam aos tempos do Paleolítico, os segundos, ao período do Neolítico.

Estes neolíticos que mais tarde conheceram a metalurgia e tiveram certo apogeu no chamado Bronze Atlântico, foram depois invadidos pelos celtas, conhecedores da metalurgia do ferro, e que chegaram ao Ocidente da Península, no dizer de Cuevilhas, em fins do séc. VI a. C. De modo que foi a fusão das duas populações (invadida e invasora), que deu origem à chamada civilização castreja que tanto se notabilizou no Noroeste Ibérico.

Acresce que estes castrejos não constituíam um Estado com independência própria, mas sim agrupamentos que muito se guerreavam, enquanto não surgiu a romanização da Península, e que teve o condão de modificar completamente as bases da sua economia, o tipo de povoamento, as formas de organização social, as técnicas do trabalho, as crenças e hábitos das populações e até a língua que se falava.

Os castrejos do Noroeste, só foram, porém, totalmente submetidos ao Império romano no ano 19 a. C., isto é, 200 anos depois da chegada das suas legiões à Península. E embora derrotadas as populações, os Castros nem por isso foram abandonados, pelo menos na sua totalidade, como se pode ver pela citânia de Briteiros, que sendo na sua origem um castro indígena se converteu numa cidade romanizada. O que já se não pode dizer do castro de Sabroso (também nas proximidades das Caldas das Taipas), que desapareceu nas lutas pela romanização, equivalendo a dizer que os elementos arqueológicos que conserva são duma cultura castreja mais pura. Também houve Castros romanos posteriores, quiçá sendo até destas alturas o maior número de quantos existem em Portugal.

A cultura castreja desenvolveu-se, sobretudo, a norte do rio Douro, continuando por território da vizinha Galiza. Conhecem-se, no entanto, alguns exemplos a sul do mesmo rio (entre Douro e Vouga)”.²

A estação arqueológica de Alvarelos está situada na bacia hidrográfica do Rio Ave, no extremo sudoeste do antigo concelho de Santo Tirso. Classificado como *monumento nacional*, o Castro de Alvarelos é de uma relevante importância para o estudo da romanização do Noroeste da Península Ibérica.

² SOUTO, JOSÉ CORREIA DO, *Dicionário de História de Portugal*, vol. II, Lisboa, Atlantilivro, 202-204.

Esta estação estende-se ao longo de uma área de setecentos a oitocentos mil metros quadrados. *“Um considerável número de fragmentos de cerâmica manual, tipologicamente enquadráveis no Bronze Final, testemunham a mais antiga ocupação conhecida até ao momento. Os vestígios atribuíveis à Idade do Ferro, para além de muito numerosos, encontram-se bem documentados, não só pelas suas características casas de planta circular, mas também pela abundante cerâmica micácia não menos característica. Ao período romano corresponderá a maior amplitude da estação, nomeadamente nas plataformas intermédias localizadas entre o Monte Grande e o Monte de São Marçal, local onde, em 1986, foi levada a cabo uma intervenção arqueológica e se identificou um conjunto de estruturas possivelmente pertencentes a um edifício termal e se recolheu ainda bastante espólio cerâmico e metálico”.*³

Classificado como *Monumento Nacional* por decreto de 16 de Julho de 1910, o Castro de Alvarelhos só viria a beneficiar de *zona de protecção*, mediante despacho ministerial, em Setembro de 1976.

Em Maio de 1971, em Sobre Sá, na exploração de uma pedreira de granito para construção urbana, os pedreiros encontraram uma bilha de barro cheia de moedas romanas. À semelhança do que acontecera já no séc. XIX, as moedas foram levadas para posterior estudo e classificação.⁴

As moedas de prata encontradas seriam ao redor de cinco mil, e seguiram para vários destinos. As que a Câmara Municipal de Santo Tirso conseguiu recuperar – novecentos e setenta exemplares – foram na altura enviadas para o Gabinete de Numismática da Faculdade de Letras de Coimbra, a fim de serem estudadas. De referir aqui que as 3.450 moedas estudadas e classificadas são datadas de 212 a 27 a. C.

As moedas de prata encontradas em Maio de 1971, na propriedade denominada *Bonção*, no lugar de Sobre Sá, deixam em aberto uma questão pertinente: quem seria a personalidade capaz de dispor de uma tão avultada fortuna? Mais ainda, o que levou o seu proprietário a enterrar tão grande tesouro? Estaremos perante dinheiro público resultante da colecta de impostos, dinheiro comunitário ou ainda uma reserva para pagamentos militares? Poderemos apontar duas hipóteses.

Numa primeira hipótese, o Castro de Alvarelhos bem poderia ser um centro comercial, perto da costa, num local defensivo e com fáceis ligações

³ MOREIRA, ÁLVARO BRITO, *Elementos para a Carta Arqueológica do concelho de Santo Tirso. A estação arqueológica de Alvarelhos, in Santo Tirso Arqueológico, Vol. 2, Câmara Municipal de Santo Tirso, 37.*

⁴ Cfr. MOREIRA, AVELINO, *A febre das moedas em 1971, in Voz de Alvarelhos, Maio – Junho 1987, 3.*

com o interior. A surpresa da guerra, conduzida pela IV Legião romana, não teria permitido a fuga da população com os seus haveres.

Uma segunda hipótese conduzir-nos-ia ao facto de o Castro de Alvarelhos ser um centro de pagamentos militares romano, ali instalado após a ocupação da povoação. Um contra ataque das populações locais estaria, neste caso, na origem do enterramento do tesouro.

Praticamente até finais do séc XIX, era convicção geral que o Castro de Alvarelhos fora edificado pelos Celtas, no intuito de resistirem aos Romanos, quando estes invadiram a Península Ibérica. Todavia, os achados arqueológicos revelaram que a fortaleza é de uma época muito mais recuada, tendo – ao que tudo indica – sido construída pelos primitivos habitantes do local.

Foi autor da descoberta o arqueólogo José Fortes Júnior, sócio efectivo da Real Associação dos Arquitectos Civis e Arqueólogos Portugueses. Num opúsculo que editou em 1899, e a que deu o título de “*A estação arqueológica de Alvarelhos*”, descreveu os trabalhos que realizou e os achados arqueológicos que recolheu e decifrou. Pelo estudo feito às casas que rodeavam o Castro, o paciente pesquisador pôde concluir que a fortaleza era muito mais antiga do que até então tinha sido afirmado. Pelas suas características, as casas alvarelhenses obedeciam às regras gerais do homem proto-histórico. Logo, *são anteriores aos povos que habitavam o local quando os Romanos conquistaram e ocuparam o Castro.*

Alvarelhos romano

Os Romanos chegaram à Península Ibérica no séc. II a. C. A dominação de Roma vai durar até ao Imperador Flavius Honório, cujo império começa a ser atacado pelos Vândalos, no ano 406 da nossa era. São, pois, seis séculos de história comum da Península com Roma.

Nos primórdios da ocupação romana, a Península Ibérica era ocupada por vários povos, ao que tudo indica, pequenas tribos devidamente arregimentadas em pequenas áreas territoriais.

Acima do Douro, até ao Cavado, viviam os *Brácaros*. A norte do Tejo, até ao Douro, os *Lusitanos*. Estes faziam parte do grupo mais importante e aguerrido. Julga-se que estavam já fixados entre o Tejo e o Douro no séc. VI a. C.

Ao que tudo leva a crer, a região que compreende a metade norte de Portugal e a região Galaico-Cantábrica foram, dentro da Península Ibérica, de importância relativa para Roma. De facto, os *Lusitanos*, *Vaceus* e *Cantabros* foram, durante muito tempo, uma espécie de lobo serrano que, em alcateia, ataca e desaparece, em luta de guerrilhas, traindo e sendo traídos, comprados como mercenários, derrotados e vitoriosos... Dir-se-ia que quase que obtiveram a consciência de nação!...

Estes povos peninsulares viviam alcandorados nos montes, em pequenos ou grandes agrupamentos, na vizinhança de vales de fácil cultivo ou pastoreio.

Tanto no Centro como no Norte de Portugal são bem visíveis, nos topos dos montes, os vestígios de uma população castreja. Isto leva-nos a concluir que, por essa altura, havia já uma considerável densidade populacional, população, essa que vivia numa premente necessidade de defesa.

São, na freguesia de Alvarelhos, muitos os achados que nos recordam a passagem dos Romanos pelo nosso território.

Depois de ter feito alusão a um marco miliário existente na Quinta do Paiço, da época romana, está na altura de referir uma inscrição contida na face interior de uma pátera de prata, com 7 cm de diâmetro, gravada em redor de uma figura central representando um homem barbado, de capacete, couraça, polainas, lança e escudo.

Leitura:

***S(EXTVS) ARQVI(VS) CIM(BRI?) L(IBERTVS) SAVR...
V(OTVM) S(OLVIT) L(IBENS) M(ERITO)***

Versão:

***SEXTO ARQUIO LIBERTO DE CIMBRO CUMRPIU UM VOTO
DE BOA MENTE A SAUR...***

De acordo com Carlos Manuel Faya Santarém, a referida peça *“apareceu perto do Castro de Alvarelhos, em terrenos da Quinta do Paiço, em 1861, e levada para o Porto para casa do Sr. Domingos de Oliveira Maia, proprietário daquela quinta, onde Hubner diz tê-la visto. Desconhece-se o paradeiro actual”*.

No bojo de uma talha romana encontrada no Castro de Alvarelhos foi identificado o seguinte grafito ***EME ME / BONO TVO***. A tradução é a seguinte: ***COMPRA-ME PARA TEU BEM*** ou ***TOMA-ME QUE TE FARÁ BEM***.

O fragmento desta talha romana foi exumado em 1986, no decorrer das escavações efectuadas no Castro de Alvarelhos, sob a orientação do Sr. Lino Augusto Tavares Dias. Com aproximadamente dez centímetros de largura, e que inclui uma porção do bordo e do bojo, esta peça está guardada no Museu Municipal Abade Pedrosa (na cidade de Santo Tirso).

As moedas romanas, às quais fiz já alusão, são um inequívoco exemplo da passagem dos Romanos pelo nosso solo.

Dentre os artigos de luxo divulgados pelos romanos destacam-se os ***bronzes figurativos***. Foram encontrados em Alvarelhos alguns objectos de

bronze, sendo de realçar uma peça muito significativa, encontrada no ano de 1952: uma *Nereida* (divindade romana do mar).

Esta estatueta representa um corpo feminino, nu até às ancas, terminando em duas caudas de peixe erguidas sobre uma base que representa as águas ondulantes estilizadas em forma de escamas. Com o peso de 310 gr., esta Nereida tem a largura de 11,5 cm. E de comprimento 13 cm.

Quando, em 1952, o Sr. Manuel António Rodrigues, encontrou a Nereida, fez uma outra descoberta: uma peça de arreio de cavalo do tempo dos Romanos. Ambas as peças estão actualmente no Museu Municipal Abade Pedrosa.

De referir ainda que, em 1893, foi levada para o Museu da Sociedade Martins Sarmiento, em Guimarães, uma ara votiva que existia na Quinta do Paço, com a seguinte inscrição: **SATURNINO, FILHO DE CATURO, CUMPRIA DE BOA VONTADE O VOTO FEITO A GENIO.**